

Felizes para sempre (ou Até que a morte nos una)

Altino Mageste

*(Vencedor do 2º Prémio do Concurso de Escrita Criativa do Centro
de Línguas e Culturas)*

Trim! Trim!! Trim!!! Trrrrrrrrrrimmmmmmmmmmm!

05:45 da manhã.

Com lentidão e cansaço de um soldado que perde uma guerra, ele esperava que a noite tragasse o que restava da madrugada. Havia prometido, jurado e sacramentado que quando o dia nascesse, ele morreria. Fosse com um punhal cravado no esquerdo do peito, corda em torno do pescoço, se dor de amor matasse também poderia ser esta a causa. Talvez uma bala perdida encontraria seu corpo e o destruiria em mil pedaços e ele estaria nos braços da morte. Se nada disso funcionar - dizia ele - vou me deitar na linha do comboio e esperar pela grande viagem sem volta.

Parou de pensar. Virou para o canto. Pensou mais um milhão de coisas em menos de três minutos.

05:48hs, marcava o relógio.

Já vivi mais três minutos inúteis desta vida inútil. Miséria de vida. - pensou, enquanto olhava fixamente para o relógio. Tinha o coração descompassado que não acompanhava o tique e nem sentia o taque.

Pegou a corda. Atou-a numa trave do tecto. Pegou um banquinho para servir de falso apoio. Seguiu um ritual, quase cinematográfico, milimetricamente. Dentro de pouco tempo, tudo estaria consumado e consumido. Corpo jogado e pouco ruído.

05:58hs. Seus pensamentos se misturavam. Lembrava de um poema louco de um louco poeta.

«Os violões vagarosos
 Os velhos vaidosos
 O verme verde
 O vale vazio
 A voz velada
 A vontade voraz
 A vida vã
 O avesso do verso, veja você:
 Os velhos vagarosos
 Os violões vaidosos
 O verme voraz
 O vale verde
 A voz vã
 A vontade vazia
 E a vida velada.»

Já tinha posto a corda no pescoço enquanto pensava nesta estranha poesia. Subia mecanicamente. Passos falsos, flácidos, pouco fortes.

Trim! Trim!! Trim!!! Trimmmmmmmmmm! – tocou a campainha da porta.

Mas quem será o desgraçado que vem perturbar uma pessoa às seis da manhã, justamente na hora que está prestes a morrer? – estava indignado. Se não estivesse pronto para morrer, ele morreria de vontade de estar. Onde é que já se viu alguém tocar a esta hora na casa de uma pessoa? – remoía seus pensamentos.

Mas será que é um sinal do céu? Algum anjo torto que vem me salvar ou vem levar minha alma sei lá para onde? Não; o Céu não seria assim tão complacente para com um sujeito que está a tentar a pôr fim à vida. Talvez seja um anjo mau... Seja lá quem for, isso não são horas para me incomodar. E se eu estivesse a dormir? – pensava.

Trim! Trim!! Trim!!! Trimmmmmmmmmm!

– Pelo amor de Deus me ajude. – gritou uma voz desesperada.

– Quem é? – perguntou ele com um misto de medo e raiva.

– A Ana Maria! – respondeu.

Ele parecia estar no olho de um furacão, entre o peso do caos e um barco feliz que atraca no cais. Mas por que raios teria ela que vir até aqui. Essa mulher nunca foi simpática e agora na hora da minha morte vem tocar na minha porta – resmungava em pensamento. É por isso que eu quero morrer. Ninguém respeita

ninguém. Se é assim na hora da morte imaginem nos momentos de vida plena.

– Pel'amor de Deus, abra essa porta! Senão eu vou morrer!

Só podia ser ironia – se ele abrisse a porta não poderia morrer em paz. Se deixasse a porta fechada a desgraçada vizinha, do andar ao lado iria morrer.

– E eu? Não tenho o direito de morrer sossegado?

Enquanto pensava, foi caminhando para a porta, escondendo a corda e o banquinho, num gesto quase automático.

Abriu. Viu a mulher com o rosto todo suado. Ficou sem saber o que dizer ou fazer. Nem um passo, nem um pio. Arrepio. Só uma pausa. Respiro fundo. Pensou com seus botões desabotoados o que estaria fazendo ali aquela mulher, interrompendo o momento dramático da sua despedida do mundo dos quase vivos quase mortos.

– Pelo amor de Deus me ajude! – implorou a mulher.

– Eu até ajudo. Mas não será em nome de Deus. Ando meio zangado com ele. – respondeu.

– Seja em nome de quem for. Mas me ajude! – implorava ela.

– Mas o que está acontecendo. Você pode ao menos me dizer o que está se passando? – falou em tom raivoso.

– Não tem olhos nessa cara não? Olha aqui o tamanho da minha barriga... - falou a pobre mulher já sem força.

– Pronto só falta agora dizer que a criança é minha. Este sim será um bom motivo para que eu me mate. – pensava e continuava a procurar motivos mais concretos para justificar sua decisão de morte - daqui a pouco vai entrar uma manada de elefantes em fúria pela porta da minha casa. Acontece de tudo comigo... – concluía os pensamentos inacabados.

– Minha bolsa arrebentou e estou perdendo muito sangue. Preciso urgentemente de ir para um hospital. Não quero perder o meu filho.

A feição de Marcelo modificou-se por completo. Podia quase ver a carinha do bebê, devido ao susto e a complicação do momento. Mesmo assim tentou tranquilizar a futura mãe. Saiu feito louco procurando as chaves do carro. Tropeçou na corda caída, morta no chão. Olhou o banco de falso apoio. Sentiu um frio, um calor, sentiu um nada no meio daquilo tudo. A mulher gritava e gemia tentando dar ao mundo uma outra vida.

Ele pensava em como tudo é estranho. Essa dualidade entre vida e morte, paz e desespero, amor e ódio, derrota e pódio.

Num ataque de insegurança talvez por medo de encarar a vida – uma nova vida que brotava feito nascente d'água – voltou e disse à mulher que iria chamar uma ambulância ou um táxi. Mas ela reagiu com um grito de dor e ordem, exigindo que

ele a levasse para a maternidade naquele momento. Já estava ficando sem forças. Pálida e desesperada, esperava. Uma mulher para dar a luz encontra força sabe-se lá onde. Não pôde ele dizer não ou negar apoio. A morte e a vida o chamavam no mesmo momento e a escolha era sua. Não podia deixar nada para depois. Ou segue para novos jardins vitais ou fica no charco da morte, exigia-lhe uma força imensa, maior até que a razão.

Entre colher cinzas de rosas sob peso da terra, preferiu tocar os espinhos vivos que sangram. Ferem. Mas são o que são sem vergonha de sê-lo. Flor de cactos é espinho mas também é flor. Se a vida é dor, viver é remédio.

Passou a mão nas mãos da mulher e desceu as escadas de um quarto piso. Escadas com pouca luz. Iluminadas apenas pelo brilho exagerado dos olhos da mulher. Voltou feito um raio até ao quarto piso. Tinha deixado a chave do carro na mesa de cabeceira. Mas que hora para esquecer as chaves do carro. Viu, mais uma vez, a corda, o banquinho e sentiu um calor frio cobrindo o seu corpo e rasgando a sua mente. Pensou em não descer, levando assim seu plano até ao fim. Mas não conseguia imaginar aquela pobre mulher, sentada no vão da escada, com um filho quase a nascer, esperando por ele e ele se dando ao luxo de poder morrer na hora que bem entendesse. Contorcia seus pensamentos tortos. A morte podia esperar; a vida não. Aquela criaturinha precisava de alguém que a levasse até a maternidade para que pudesse nascer em paz. Apenas isso. Depois ele poderia morrer do jeito que quisesse, na hora, e pelos motivos que, segundo ele, justificassem sua decisão.

Vou deixar para morrer depois. – pensava enquanto descia, quase que automaticamente, as escadas.

Marcelo segurou no braço de Ana Maria com a garra de um atleta que ergue a taça da vitória. Abriu a porta de trás do seu carro, baixou o banco e lá estava uma cama. Deitou a pobre mulher que já não tinha cor, nem voz, nem lágrimas. Tinha apenas um filho que queria nascer e isso ainda a fazia pulsar. Cerca de trinta minutos era o tempo que levava até ao hospital. Marcelo acelerava, apitava, enquanto olhava pelo retrovisor a agonia daquela mulher.

Policiais surgiram do nada a pedir que abrandassem por causa de um acidente naquela via. Voltar era impossível, seguir estava fora de questão. Marcelo sai do carro e grita aos outros para que chamem uma ambulância.

Passou para o banco de trás e foi tentar acalmar a mulher. Tirou sua camisa e enxugava o suor de Ana Maria. Tentava colher mais informações sobre a quase desconhecida mulher que tinha nos braços, feito um pardalzinho atingido pelo chumbo de uma caçadeira.

- Qual o telefone do pai da criança? Preciso informá-lo de você e do bebé.
- Morreu há três meses num acidente de barco. – respondeu ela já sem voz.

- Mas e os seus parentes? Pai, mãe, irmãos...
- Sou filha única e órfã de pai e mãe desde os treze anos.
- Não tem mais ninguém?
- Só o meu filho. Ele é tudo o que me resta...
- É menino ou menina?
- Um menino. Fiquei sabendo no mês passado.
- Um menino... um menino. Já tem nome escolhido? – falava Marcelo tentando suavizar a situação que se complicava visivelmente a cada minuto. E praguejava a ambulância que nunca chegava.
- As pessoas tentavam ajudar o mais que podiam.
- Quero te pedir uma coisa meu senhor: não tenho mais ninguém neste mundo – falava a mulher que misturava gemidos por entre uma voz dolorida. – Não tenho mais ninguém neste mundo. Ninguém. Já perdi tudo e todos que eu pensava ter para sempre. Cuide do meu filho...
- Calma não se preocupe... vai tudo ficar bem. Não fale mais, descanse - pedia Marcelo.
- Sinto que estou perdendo minhas forças... Olha, não deixe meu filho jogado num orfanato. Cuide dele. Registe – o como seu filho. Ponha o seu nome nele. E diga a ele, no momento certo, tudo o que aconteceu. Não peço isso por mim; é por ele...
- Calma, calma.... vai tudo ficar bem, a ambulância já está quase a chegar. Respire fundo e não se preocupe.
- Mas jure que você vai cuidar do meu filho? Qual o seu nome?...
- Marcelo.
- Então meu filho se chamará Marcelo também...
- Ele não sabia o que dizer, o que fazer ou que pensar. Como dizer não, num momento destes.
- Jure que você não vai abandoná-lo. Jure pela sua vida... – insistia a mulher, pálida com cera de vela.
- Marcelo que até há pouco tempo queria por fim à vida, agora tinha que jurar sobre a honra desta «vida inútil» que cuidaria daquela criança.
- Tá bom eu cuidarei do seu filho. Mas não vai ser preciso. Breve, breve tudo isso passa e você vai tê-lo nos braços e vai amamentá-lo. Fique calma por favor. Respire fundo.
- Jure pela sua vida que você vai cuidar dele. Jure.
- Tudo bem. Eu juro pela minha vida, que cuidarei do seu filho – falou com um riso.
- Assim, sei que se eu faltar, não vai ficar jogado pelos cantos.
- A ambulância não conseguia chegar ao local, devido ao acidente. A mulher

foi perdendo os sentidos e Marcelo foi ficando desesperado. Em pânico começou a gritar pedindo ajuda a alguém que viesse ajudar a mulher. De uns cem metros adiante saiu um enfermeiro pedindo uma maleta de primeiros socorros e correndo em direcção ao carro de Marcelo. Ao chegar viu o estado da mulher, tocou-lhe e disse: – Não dá para esperar mais. O parto tem que ser feito imediatamente. Já tem dez centímetros de dilatação e a pulsação da mãe está muito alta. Ele corre risco. Você é o pai? Permite que eu faça o parto?

– Sim... sou o pai... Pode... pode fazer o parto. – disse Marcelo com medo da mentira que contava. Ou mentia ou corria o risco. Mas uma vida vale mais que uma mentira. Mais que mil mentiras. Basta apenas uma verdade para justificá-la. Marcelo descobrira isso naquele momento.

– Nasceu! Nasceu! É um belo rapaz. E parece com o pai. – disse o enfermeiro.

Marcelo não sabia se ria de alegria ao ver aquele menino, ou se se preocupava com o estado de Ana Maria. Apanhou a bolsa que a mãe havia preparado para ir para o hospital e tirou de lá as roupinhas que o bebé vestiu, estando deitado no colo de Marcelo. Ana Maria desfalecia a olhos nus. A ambulância chegou e levou-os para o hospital, tendo seguido também o enfermeiro.

Duas horas, chega um médico com ar tranquilo mas triste e disse:

– Sinto muito mas a sua esposa não resistiu. Fizemos o possível mas...

– E o menino?

– Não se preocupe, seu filho está bem. Como faço para localizá-lo. O bebé vai ficar aqui por uns dias, para se adaptar com a alimentação e...

Marcelo chorava, não apenas porque Ana Maria tinha morrido, mas porque ela o tinha salvado e lhe tinha literalmente dado um filho. Aquela criaturinha de três quilos duzentos e cinquenta gramas, era agora a razão da sua vida.

*

Quatro anos mais tarde, a situação já estava legalizada. Marcelo tinha procurado em vão pelos familiares de Ana Maria. O juiz dera a ele a guarda e o direito paterno da criança.

Mas como a vida sempre traz surpresas, Marcelo encontrou a corda que iria usar naquela manhã para se suicidar. Movido por uma força descontrolada, algo que lhe dominava, apanhou e colocou-a dentro de uma bolsa. Desceu as escadas com lágrimas nos olhos. Entrou no carro. Foi para a creche onde estava seu filho e o apanhou mais cedo. Parecia um dia normal. Mas não era. Marcelo dirigiu-se para um lugar afastado da cidade. Olhava sempre pelo retrovisor o rosto perfeito da criança

e a chorava. Chegou num lugar de singular beleza, abriu a mala. Riu para seu filho, subiu na árvore lentamente e atou a corda. Chorava como as fontes de Roma, enquanto olhava para a corda.

Milimetricamente, como se fosse em Hollywood, fez um balancé para o seu filho e ficou ali até o sol se pôr. A vida tinha novas cores. As gargalhadas do pequeno enchiam de paz aquele ambiente e a vida de Marcelo.

Saíram já era tarde. Marcelo deixou a corda na árvore e levava consigo a vida, que dormia nos seus braços.

Trim! Trimm! Trimmmmmmmmmmmm!!!

05:45 da manhã.

Com a rapidez e o vigor de um soldado que vence uma guerra, ele não esperava que a noite tragasse o que restava da madrugada. Havia prometido, jurado e sacramentado que quando o dia nascesse, ele viveria, vencendo a batalha que cada dia impusesse.